

**FRANCISCO PEÇANHA MARTINS**  
*Ministro do Superior Tribunal de Justiça*

Reúne-se em sessão solene o tribunal para prestar as justas homenagens ao julgador recém-aposentado por força do inevitável implemento da idade expulsória do serviço público ativo. Vivencia-se uma atmosfera de regozijo e nostalgia. É que, à alegria natural do reconhecimento dos esforços despendidos em favor da prestação de justiça, soma-se a inexorável saudade pela ausência do convívio diário nas sessões e nos encontros constantes nos intervalos indispensáveis à difícil e desgastante tarefa de julgar. E tanto maior a saudade quando se trata da aposentadoria de Américo Luz, que marcou significativa presença no Judiciário brasileiro.

Nascido a 26 de fevereiro de 1928, em São Sebastião do Paraíso, nas alterosas Minas Gerais, descendente da ilustre linhagem dos Ribeiro da Luz, que deu ao País a colaboração de eminentes homens públicos, como o foram o seu pai, Augusto Coimbra da Luz, deputado estadual e fundador da Faculdade de Direito de Juiz de Fora, poeta e jornalista; seu avô, Dr. Américo Gomes Ribeiro da Luz, médico, deputado no Império e presidente do Banco de Crédito Real de Minas Gerais por longo período, e seu bisavô, Dr. Antônio Máximo Ribeiro da Luz, juiz de Campanha, Minas Gerais, também ascendente dos eminentes ministros Márcio Ribeiro e Justino Ribeiro; Américo Luz cursou as faculdades de Direito da Universidade de Minas Gerais, até o 3º ano, e da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, onde colou grau em 1951. Foi advogado no Foro do Rio de Janeiro por quinze anos, e serviu à administração pública do Estado da Guanabara, como assistente do Dr. Álvaro Americano de Oliveira e Souza, secretário de Administração no governo Negrão de Lima.

---

\* Discurso de saudação ao ministro Américo Luz por ocasião de sua aposentadoria.

Nomeado juiz federal substituto da 3ª Vara Federal da Seção Judiciária do Estado da Guanabara no governo do presidente Castello Branco, tomou posse em 25.4.1967. Promovido a juiz titular da 3ª Vara Federal no governo do presidente Emílio Médici por indicação unânime do extinto Tribunal Federal de Recursos, foi empossado em 16.10.72, transferindo-se, posteriormente, para a 5ª Vara. Diretor do Foro em vários períodos, e membro do Tribunal Eleitoral do Estado do Rio de Janeiro, foi convocado para o colendo TFR na vaga decorrente da nomeação do ministro Décio Miranda para o STF, no período de agosto a dezembro de 1978, sendo posteriormente nomeado ministro daquela inesquecível corte em 28.5.80, na presidência de João Batista de Figueiredo. No Tribunal Federal de Recursos, e, posteriormente, neste colendo Superior Tribunal de Justiça, exerceu todos os cargos de direção, encerrando sua brilhante carreira na presidência do tribunal.

A vida de Américo Luz revela a alma generosa e altruísta dos sonhadores, cujos sentimentos uns poucos têm a virtude de transformar em versos amenizadores dos rigores da vida. Filho de poeta na prosa agradável, com semblante feliz, revivia os momentos de enlevo e prazer vividos durante a juventude na Cidade Maravilhosa, compartilhando do talento de Pixinguinha, a Ataulfo Alves, Herivelto Martins e outros bambas, construtores do samba, quando se reuniam, fim de tarde, no famoso Café Nice.

Cultor da verdade, desde cedo revelou-se o homem íntegro, de caráter firme e inquebrantável, denunciando-se como o autor de transgressão à disciplina no Instituto Granbery, redimindo a sua turma de ameaçador castigo.

Ao longo da vida, não transigiu. Foi sempre um servo da ética, da lei e do direito.

Militou com denodo na advocacia e distinguiu-se no serviço público, tendo sido um dos membros da comissão elaboradora do Decreto-

lei nº 73/66, credenciando-se a ser um dos juízes federais nomeados na reimplantação da Justiça Federal, em 1967.

Na judicatura engrandeceu o honrado nome legado pelos ilustres ancestrais. Lembro-me que meu pai ao nos apresentar, faz anos, no extinto TRF, o fez dizendo-me que se tratava de um homem inteligente, preparado, dotado de bom senso simpatia e destemor, aliando ao saber jurídico a elegância da oratória.

Tive o prazer de ser por ele recebido na 2ª Turma, que então presidia, quando tomei posse no cargo de ministro desta corte. Confirmou-se o breve perfil traçado por Peçanha Martins. Logo após a sessão, iniciou afável conversa, fazendo agradáveis referências ao meu pai, que, me disse, também o ajudara. Dissipou as minhas preocupações quanto à adaptação à nova função, afirmando que logo abandonaria a postura natural de defensor de versões para assumir a de julgador. Passei a observar os seus votos claros e concisos com elegante estilo e recheados de bom senso. E não dispensei jamais a sua boa prosa. O convívio nas sessões da Turma e da eg. 1ª Seção, que, em seguida, passou a presidir, e nos bate-papos, fez-me acrescentar, àquele breve perfil da apresentação, algumas qualidades à personalidade singular do "iluminado", como o definiu o ilustre advogado Antônio Villas Boas: a força de vontade, a integridade, a lealdade e a bondade.

A sua integridade e destemor revelou-as por inteiro quando, no exercício do cargo de juiz federal, mandou arquivar, por falta de provas, o processo instaurado contra o ex-presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira, preso, perseguido e processado pelo governo revolucionário. Felizmente não foi cassado e a sua independência, verdadeiro galardão, o conduziu ao Tribunal Federal de Recursos. Como nos contou o eminente ministro Cid Scartezzini, dele dissera o general Golbery do Couto e Silva, ao enviar à imprensa a lista dos nomes indicados para compor o TRF:

"Esse juiz é destemido e independente. Se um dia tivesse que ser julgado gostaria de que fosse por um juiz desse quilate."

A afabilidade, o bom humor e a bondade no trato com os seus semelhantes caracterizaram o seu convívio diário com todos os colegas e funcionários. São inúmeros os exemplos de sua conduta franciscana, seu santo eleito, cuja prece adotou como regra de conduta, e com a qual encerrou o seu discurso ao assumir a presidência desta Casa.

Espiritualista, venceu os seus carmas, vivendo para dar e perdoar. Semeou amor, fez luz nas trevas e alegria nas tristezas.

Esposo, pai e avô amantíssimo, dá gosto ouvi-lo falar da sua eterna namorada, a querida esposa Célia, que encheu de flores o seu caminho. O seu semblante revela que sempre a vê "pisando nos astros distraída", no "Chão de Estrelas" imortal do seu velho amigo Orestes Barbosa. Faz falta o seu convívio diário.

E quando encerrar-se a sua missão na Terra, que desejamos se faça longa e ascender sua alma ao céu, Pedro, por certo, informando a Deus de quem se trata, dirá: é Américo, o Bom.